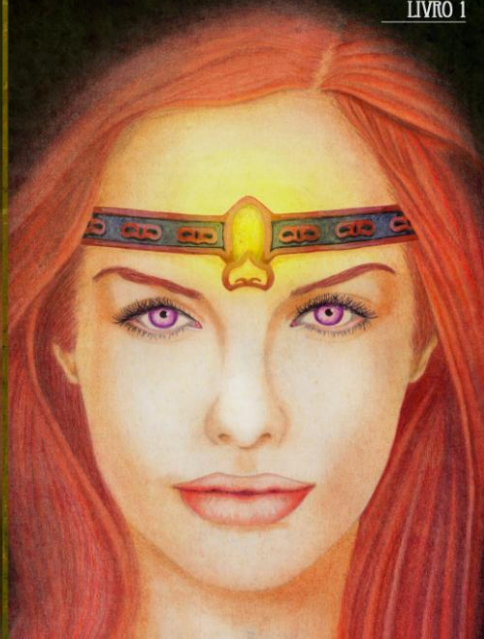


DANIELI HAUTEQUEST

DOIS MUNDOS  
MESMO DESTINO

DESPERTAR

LIVRO 1



DANIELI HAUTEQUEST

DOIS MUNDOS  
MESMO DESTINO

DESPERTAR

LIVRO 1

2ª Edição

Copyright © 2011 Danieli Hautequest

TÍTULO ORIGINAL

Dois Mundos, Mesmo Destino: Despertar

LEITURA CRÍTICA

Caroline Rutz (Sara Lecter)

REVISÃO, ILUSTRAÇÃO,

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Danieli Hautequest

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Lívia Porto Zocco. CRB8 – 5992

---

Hautequest, Danieli

Dois mundos, mesmo destino: despertar / Danieli Hautequest. - Belo Horizonte:

Ed. do Autor, 2011.

224 p.

ISBN 978-85-910493-3-2

1. Literatura brasileira. I. Título.

CDD – 869.9

---

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, copiada, transmitida por meios eletrônicos (download, compartilhamento ou gravação), assim como modificada ou traduzida, sem a permissão, por escrito, da autora.

Os infratores serão punidos pela *Lei de Direitos Autorais nº 9.610/98*.

# LIVRO LEGAL



Apoie à literatura nacional e nossos autores independentes. Não compartilhe cópias digitais dos livros e ajude a denunciar irregularidades.

Autores independentes não têm respaldo financeiro de editoras ou grandes distribuições. Contam exclusivamente com a consciência, respeito e prestígio de seus leitores. Cada exemplar vendido é um sopro de ânimo em continuar escrevendo, produzir novos livros.

Por isso, não “empreste” cópias digitais, conscientize acerca da realidade da publicação independente, incentive a compra dos títulos, divulgue os autores, dê o seu suporte para que eles possam continuar publicando mais e mais.

Livro Legal. Apoie esta ideia!

Acaso ache violação de direitos autorais (plágio, tradução ou modificação/adaptação do original) ou distribuição (download) e compartilhamento ilegal de cópias digitais do trabalho de Danieli Hautequest, por favor, entre em contato:

*[danieli\\_hautequest@danielihautesquest.com](mailto:danieli_hautequest@danielihautesquest.com)*



# Apresentação

Por Caroline Rutz (*Sara Lecter*)

**E**scriver uma história pode ser visto como a execução de um número de mágica. Primeiro surge uma ideia. A criatividade de seu autor determinará os meios. O objetivo é muito simples: fazer o público acreditar em algo que transcende os limites da realidade.

Na ficção, o leitor é apresentado às personagens e as toma como seres reais, com suas qualidades e defeitos, experiências e dilemas, com os quais, não raro, identifica-se.

Na magia e na ficção o truque é o mesmo: envolver o público, despertar suas emoções, enganá-lo.

Escrever uma história é a arte de contar uma mentira, fazendo isto de maneira tão bela, que mesmo ciente do engodo, o leitor acredite, torça, ria e chore.

Em **Despertar**, *Danieli Hautequest* vai além deste paradoxo: não são apenas as suas personagens que se tornam caras para o leitor, mas todo um universo. Não somente temos a sensação de que conhecemos Tara, Trista, Yän, Kara, Hater e tantos outros, como tomamos Trovahiën como nossa própria casa.

Juntos a Tara, vamos desvendando e aprendendo a aceitar cada novidade, mas no fundo, com uma estranha sensação de que já estivemos ali, de que aqueles que tanto a protegem, de alguma forma estão ligados a ela desde sempre. Um mistério inquietante e genial.

O que surgiu tão subitamente como novo se torna familiar, e com o apego vem a dor de saber que este mundo está prestes a ser destruído.

Como peça fundamental nesta batalha por sobrevivência, Tara tem muito mais do que o próprio destino a empurrando para a guerra... Embora anseie desesperadamente entender o que acontece, teme suas fraquezas, teme sua inexperiência, teme o efeito devastador que cada

olhar, de uma guerreira em especial, desperta. Teme jamais conseguir compreender por que sua presença a afeta tanto; ou, mais do que tudo, teme já ter entendido.

**Despertar** tem o ingrediente básico das grandes histórias: é, em tudo, arrebatador. Da forma como é narrado, aos afetos que se entrelaçam, uns se completando, outros, rivalizando. Lê-lo começou como um prazer, que a cada capítulo foi ganhando ares de necessidade. A sensação que esta história nos deixa é a de ter mergulhado num sonho, daqueles para os quais nos forçamos a adormecer novamente, na vã tentativa de vivenciá-lo um pouco mais.

Ainda bem que o volume dois vem por aí...

# Agradecimentos

**M**inha imensurável gratidão:

A Deus. Não o dos homens e suas religiões, mas o Deus de amor. Que não julga, não condena, não exclui. Pelo presente da família, conforto dos amigos, a graça dos dons, a perseverança que conquista.

Aos meus pais, Ilzeny e Cícero, e minha Vó Neusa, cujo estímulo, amor, crença, e o cuidado para com a pessoa Danieli, foram essenciais para que eu chegasse até aqui.

Obrigada:

Rafael e Vanda Hautequest, meu irmão e minha cunhada, pela torcida.

Lívia Zocco, minha irmã do coração. Sua fé em meu potencial, com certeza, é indispensável para meu crescimento.

Mel. C., pela inestimável amizade, por estar sempre presente. Por todo o empenho, divulgação e respeito por meu trabalho.

Sara Lecter, quem com suas análises críticas, e alguns comentários bem-humorados, tornou o processo mais leve. Escrever um livro, por vezes é uma tarefa solitária. Sou muitíssimo grata por não ter-me deixado só, minha amiga.

Brunella França, quem me socorreu junto às histórias do ABCLes durante o período de elaboração do livro. Companheira no site, incentivadora e pessoa muitíssimo querida.

Célia, por sua generosidade de alma e sopro de esperança.

A todos os leitores de meus livros, textos na internet, cuja presença, comentários e apreço são combustíveis para que eu possa seguir adiante.



*Que seja doce a dívida a quem a verdade pode fazer mal.*

Michelangelo Buonarroti



## Prólogo

**T**ara Tehänsien.

Nome estranho. Pessoa estranha.

Estranheza, para mim, algo tão comum.

Acho que todo mundo, em algum ponto da vida, se pergunta: “quem sou?”, “o que sou?”, “o que quero ser?”.

São momentos em que paramos para refletir, fazer escolhas. Tentar arrumar o que não está bom e seguir adiante, evoluir. Entretanto, esses três questionamentos, tão inerentes, para mim, sempre tiveram um significado bem mais carregado de incertezas.

“Quem realmente sou?”

A dúvida não se devia à confusão existencial. Minha vida, de fato, sempre foi um grande mistério.

“O que realmente sou?”

Atípica, no meu caso, se tratava de uma indagação biológica.

“O que quero ser?”

Como toda jovem, tinha planos, sonhos, queria ser muitas coisas. Algumas comuns, outras mais inusitadas, mas tudo dentro do que era realisticamente permitido.

Até conhecê-los.

Não obtive as respostas que queria, pelo contrário, fiquei ainda mais perdida. Além de ganhar uma quarta pergunta, que em si, trazia um mundo de significados:

“O que é esperado de mim?”

# I. Entendimento

**P**areciam tão felizes...

A escuridão vinha, e o ambiente de amor era substituído por puro desespero. As palavras mansas de estima por exclamações de alerta e medo. Gritos de terror cru.

Morte.

Todas as noites, desde que completei vinte e um anos, há três meses.

Sempre o mesmo sonho.

Sempre o mesmo despertar assustado, onde me pegava sentada à cama, soluçando. O rosto molhado, o coração doendo, pesado. Uma tristeza, um vazio... Um avassalador sentimento de impotência.

Chutei o edredom, irritada. Levantei mecanicamente, afastei as cortinas e vi um belo dia. O sol já brilhava gostoso sobre a vida lá fora.

Tive inveja.

O calor não chegava até mim. Minha alma continuava insípida.

O sonho realmente conseguia me desestabilizar. Incomodava. De diversas formas...

Escutei a porta ranger um pouco ao ser aberta vagorosamente. Provavelmente, outra pessoa não teria notado. Muito menos, antes do barulho, percebido a aproximação de alguém, vindo pelas escadas.

Nana passou pelo vão a cabeça adornada com um coque grisalho, os seus olhinhos azuis doces e luminosos me procurando. Ao ver minha posição, torceu levemente os lábios. Sua preocupação, nítida.

— Vim pegar suas roupas para lavar. Cheguei de mansinho para não te acordar. Queria que descansasse mais um pouco... — terminou de abrir a porta, entrando.

Dei um sorriso fraco.

— Já estava acordada. Bom dia, Nana — devolvi o abraço que recebia.

— Bom dia, meu anjo. Pesadelo?

— Hu-hum — apertei um pouco o enlace, como que sugando a força de que precisava através de Nana. Tão miúda em meus braços, mas seu amor, imenso.

Não perguntou mais nada. Nos afastamos um pouco, se esticou toda e passou uma mão carinhosa pelas pontas de meus cabelos desgrenhados, descendo por minha face, seus olhos, ao fitarem acima nos meus, eram de uma ternura reconfortante.

— Vá tomar um banho enquanto eu ponho suas roupas para lavar. Estou preparando um café caprichado.

Enfim sorri. A culinária de Nana tinha o dom de abrandar qualquer tempestade.

— Não precisa lavar as roupas. Quase não tem nada sujo. Lavo lá nos tios.

— Até parece que vou deixar você viajar levando roupas sujas na mala, Tara Tehänsien! Acho que te ensinei melhor, mocinha! — Nana ralhou com a voz empostada, em sua típica pose de matrona inglesa.

Na verdade era.

Gertrudes Grireld Wellin, a minha Nana. Viúva robusta e sem filhos, os cabelos loiros de outrora tomados de branco. Amiga dos tios, que me abrigou em sua casa, quando fui para a Inglaterra a estudo. Nana era para mim o que mais se aproximava de uma mãe.

Sentiria sua falta.

— Agora vá! Cuido disso num instante. Só colocar na geringonça que você me deu, que logo a roupa sai limpinha e seca. Ah, como amo tecnologia! — brincou, indo para o cesto de roupas sujas.

Fiz como pediu, e quinze minutos depois, a encontrei escada abaixo, na cozinha.

— Nossa, Nana, hoje você realmente caprichou! — soltei boba, já salivando, admirando a mesa repleta de coisas que mais gostava.

— Claro, querida! Quero que tenha algo mais para dar vontade de voltar — rebateu divertida, mas a brincadeira não surtiu o efeito esperado.

Gelamos.

Ficamos nos olhando, sérias. Várias coisas a dizer. Nos faltava coragem.

Nana pigarreou de leve.

— Sente. Coma, coma! O creme dos bolinhos vai endurecer demais — altercou tentando dissipar o ambiente pesado.

Infelizmente, a fome havia esvaído.

Nana me olhava com uma expressão que era um misto de culpa e dó. Não queria deixá-la ainda mais chateada. Fez sua tentativa, era a minha vez.

Forcei um sorriso.

— Hum... Isso parece uma delícia! — elogiei em pretensa cobiça.

Me sentei e caí matando nos petiscos.

Felizmente, não havia como ficar indiferente à culinária de Nana, e logo a encenação foi substituído por real prazer. Não sabia quando, ou se provaria novamente os deleites, melhor aproveitar enquanto pudesse.

Nana me assistia, agradada. Também me fez bem.

Engraçado como algo aparentemente tão simples, como mostrar satisfação ao degustar uma comida preparada para você, poderia fazer tanta diferença.

O clima entre nós voltou ao usual. Nossos medos foram repostos em suas caixas-fortes, e acho que, de comum acordo, resolvemos aproveitar o pouco tempo que nos restava.



Depois do café, à medida que Nana (que havia insistido) passava as minhas roupas recém-lavadas, conversamos despreziosamente. Gostoso falar com ela. Fora os tios, era a única pessoa que via além das minhas “estranhezas”, que realmente me conhecia. Com Nana havia um lado meu que era só dela. O lado “filha” e amiga. “Pais”, eu tinha vários, que para minha sorte, exerciam com maestria suas funções “especiais” em minha vida.

Passamos as demais horas grudadas. Cuidamos do almoço juntas, depois nos esbaldamos com sorvete da *Häagen-Dazs*, um pecado compartilhado. Nana me ajudou a fazer as malas enquanto ríamos de muitas de suas lembranças com a família, que nunca me cansava de ouvir. Conheci alguns de seus parentes, outros, apenas por seus contos e fotos. Tinha apreço por todos, até mesmo pelos mais intragáveis. Era o universo de Nana que dava ao meu toque de normalidade.

O tempo, sorrateiro, foi-se sem oferecer aviso...

Quando dei conta, estava na hora de correr para tomar banho e pegar o meu voo.

Nos últimos sete anos que morei com Nana na Inglaterra, as despedidas foram demoradas, cheias de uma saudade adiantada. Havia toda a coisa zelosa de mãe. Nana enchia minhas orelhas com um monte de recomendações, dava milhões de abraços e beijos, e ficava acenando, toda orgulhosa, à medida que eu caminhava para o portão de embarque.

Daquela vez foi diferente.

Não houve conselhos exagerados, tampouco, Nana me acompanhou até o aeroporto. Na porta da frente, ao sair de casa, ela apenas me deu um longo abraço apertado, cheio de significância.

Era muito.

Me afastei afoita. Peguei minhas coisas e entrei no táxi que aguardava, sem olhar para trás. Quando o carro começou a sair, pela janela embaçada, enfim encarei Nana. A sua face, como a minha, marcada por lágrimas soltas.

No pequeno espaço de tempo, tentei passar através de meus olhos tudo o que tinha vontade de dizer.

Nana entendeu.

Não sabíamos se nos veríamos novamente.



Depois de horas de viagem que pareciam infinitas, onde mal fechei os olhos de tanta ansiedade, enfim o Tibete. Um táxi e dois ônibus depois, o pé da montanha. Não demorou para avistar minha escolta.

Goba era avantajado, tanto em altura, assim como em músculos. Ao primeiro momento, sua figura era deveras intimidante. Mas bastava reparar em sua face. Havia o olhar inocente, o seu sorriso, sempre aberto e doce.

Assim que me achou através de sua visão privilegiada acima do mar de gente, que valsava pelo mercadinho da vila, passou a brandir os braços, eufórico.

Até parece que havia como não vê-lo! Afinal, eu era tão alta quanto.

Sorri e dei um aceno em resposta.

Goba era, para a maioria das pessoas, o que se poderia chamar de “lerdo”. Porém, o que supostamente lhe faltava em rapidez de raciocínio sobrava em amabilidade, lealdade e presteza. Era o faz-tudo dos tios. O elo deles para com o resto do mundo.

— Tara! — meu amigo entoou em voz grave, um pouquinho alto demais, chamando mais atenção para nós.

— Goba, bom o ver! — soltei no meu tibetano impecável, também um pouco estridente.

Os outros que se danassem! Estava louca de saudades do meu grandão.

Depois dos abraços e trocas acaloradas, rumamos para o velho Jipe. Goba acomodou minhas duas pequenas bolsas na parte de trás. Não levei muito. Não havia necessidade. Não ali.

Assim que entramos no veículo, Goba me deixou quieta. Era de uma sensibilidade impressionante. Decerto, percebeu a nuvem de preocupação em meus olhos. Imediatamente entendeu que eu precisava de espaço.

Sempre que voltava, era assim.

Enquanto subíamos a montanha exuberante e grandiosa, que nunca desconsideraria como meu primeiro lar, sentia a mudança em mim por saber que ali não precisaria me conter, nem me esconder.

A primeira coisa que fiz foi retirar as lentes de contato.

Era quando tudo mais vinha à mente. Todos os meus dilemas, todas as minhas “particularidades”.

Para começar, não é todo dia que se vê uma menina morando com monges tibetanos. Sobretudo, porque não era permitido pela ordem, até então, mulheres no mosteiro. Ainda mais uma “estrangeira”. Mas fui acolhida, educada, e nunca me faltou respeito e amor. Sempre fomos uma grande família.

Ao que só agradecia.

A falta das lentes rememorava que o meu “estrangeira” não se devia, somente, às minhas origens.

Sempre fui incomum.

Com apenas cinco anos de idade, era mais forte, ágil e inteligente do que a maioria dos adultos. Nunca tive as doenças normais da infância. Na verdade, em toda a minha vida nunca quebrei nada, e só havia pegado dois resfriados atípicos, nos quais fui tratada pelos tios com os medicamentos mais inusitados. Ainda não fazia ideia do que eram, mas deram resultado quase que imediato, para minha alegria. Fiquei mal, mesmo.

Para somar ao rol de minhas esquisitices, tinha a minha aparência chamativa. Por mais que eu tentasse ser discreta, meus dois metros de altura e a brancura de minha pele acentuavam os outros tons. Quantas vezes haviam me perguntado o nome da tinta que passava nos cabelos, onde encontrariam aquela colocação tão real de mogno.

Não foram poucas as tentativas, em Cambridge, de mudar a cor. Mas nunca pegava. Até que desisti. Lá tanta gente pintava o cabelo de roxo, rosa. Era só me incluir na tribo dos cabelos coloridos, e pronto.

Quanto aos meus olhos exóticos. Continuaram exóticos. Apesar das lentes de contato que usava para disfarçar, o máximo que consegui foi um azul puxado pro lilás. Melhor que completamente ametista, com certeza! Mas aí achavam que era lente colorida, e ficava por isso mesmo, também.

Vivia me perguntando se eu não era tipo as personagens dos *mangas*<sup>1</sup>. Aparência e “poderes” eu tinha. Só faltava a roupa excêntrica pra completar o conjunto.

Precisava fazer graça comigo mesma. Se levasse tudo a sério demais, temia por minha sanidade.

O bom que meu jeitão me classificou com uma “garota vampiro”. Embora não curtisse a coisa, foi útil ser taxada de algo que ao menos era existente no mundo “real” e “concebível”. Evitava perguntas mais profundas. Sinceramente, não estava nem um pouco a fim de virar ratinho de laboratório.

Diferente de minha aparência, já que não estava muito a meu alcance, mantinha segredo de minhas outras minúcias. No entanto, de minha inteligência privilegiada, não tive como escapar.

Afinal, fui para a Inglaterra justamente para me preparar.

Tinha apenas quatorze anos quando me aceitaram na Universidade de Cambridge. Passei pelas grades em tempo recorde. Em suma, aos vinte e um anos era Ph.D. em Relações Internacionais com ênfase em Política, Economia e Sociologia, além de falar fluentemente em dez idiomas e saber me virar em mais um monte deles. Sorte que em uma universidade como aquela, pessoas com cérebros bem-dotados não era algo incomum. Tentava minimizar minha exposição recusando aos inúmeros oferecimentos de bolsas, projetos e afins. Só me colocaria nos holofotes.

Mas amava meus estudos.

Não entendia muito bem o meu fascínio pela área que abracei com tanto afinco. Só sabia que, de alguma forma, fazia parte de mim.



A viagem até a casa dos tios era íngreme. Depois de quase uma hora por terrenos complicados, enfim a nossa parada. Havia um abrigo para

---

<sup>1</sup> *Mangas* – Histórias em quadrinhos no estilo japonês.

o carro, onde o estacionamos. Pegamos minhas coisas e outras que Goba comprara para o mosteiro. Ele me passou minha bagagem, além de boa parte das compras.

Desde o dia que, indignada, o levantei como se não pesasse nada, Goba aprendeu a não discutir comigo em relação a peso.

Estendemos quatro panos grossos sobre o chão. Arrumamos as coisas no meio de cada um, puxamos as pontas, fazendo deles trouxas, as amarrando às extremidades de duas varas de bambus robustas, que aguardavam no abrigo. Goba pegou uma, e eu, outra. Nos esgueiramos pelas árvores até achar uma trilha secreta. A tomamos e seguimos adiante, subindo.

Quase duas horas depois, já ao anoitecer, chegamos ao nosso destino. Ao passo que nos encaminhávamos para o muro de pedras com o gigante portão de madeira maciça, lembrava de minha vida naquele lugar. De não só ter sido criada em seus preceitos, mas aprendido suas filosofias, crenças e artes. Era uma das melhores guerreiras que o mosteiro já vira.

Mal atingimos o portão e ele se abriu. Obviamente, éramos aguardados.

Também estava ansiosa por vê-los!

Passamos pela entrada, e os monges que encontrávamos pelo caminho me cumprimentavam, felizes. Fui amiga de infância de muitos deles, de outros a discípula, e de alguns, até mesmo mentora.

— Tara! — alegrou Cedain com seu sorriso fácil, me auxiliando (não que eu precisasse) a pôr minha carga no chão. Em seguida, me deu um demorado abraço.

Diferentes da maioria dos orientais, “meus” monges se mostravam mais táteis, fruto de minha insistente influência amorosa sobre eles. Cedain era o segundo na ordem, grande amigo, meu mestre de lutas.

— Bom o ver — contei saudosa. — Lobsang? — perguntei afoita, depois de nos separarmos.

O sorriso de Cedain tremulou ligeiramente.

Isso me recolocou em alerta. O aperto em meu coração, novamente conhecido.

— Está lá dentro, orando — respondeu logo de volta ao seu bom humor. — Goba, peça a alguns dos meninos para ajudá-lo a levar as coisas, sim? — instruiu.

O outro acenou em acordo, efusivamente.

— Até depois, Tara!

— Até, grandão! — brinquei, e fui recompensada com seu sorriso puro.

— Venha, venha! Deve estar cansada e faminta — Cedain disse o evidente, me arrastando para a parte habitável do mosteiro.

À porta, Lobsang. Me deu o sorriso que sempre me desarmava. Estendeu os braços, e nem pensei em me conter, pulei de encontro a eles.

Toda a emoção que estive segurando ao deixar minha Nana veio com ímpeto. Não tentei parar o choro. Lobsang me mantinha apertada em seu enlace, calado, dando seu amor e respeitando o momento de real lamento que eu tanto precisava. Não imaginava como, mas sabia que ele entendia minha preocupação. Meu medo de não vê-la novamente.

Depois de um tempo, recomposta, sorri por entre olhos e lábios vermelhos e inchados.

— Estou morrendo de fome!

Cedain e Lobsang deram bufos divertidos, quase ao mesmo tempo, para então me conduzirem adentro de “casa”. Lá, foi aquela festa. Logo, os que não estavam ocupados orando ou com demais incumbências vieram me recepcionar. Revi velhos amigos e conheci novos aprendizes, que me olhavam curiosos, por enfim estarem diante da “estrangeira”.

Não tomei banho nem nada. Devorei o jantar. Sabia que estava suja, fedendo, mas meu estômago estava colado nas costas! Foi bom, porque enquanto comíamos, fomos conversando, pondo os assuntos em dia. O deslumbramento dos jovens não me incomodando em nada.

Passados alguns minutos depois da refeição, meus olhos estavam pregando.

— Acho que vou tomar um banho e ir dormir — fiquei de pé.

Lobsang concordou com a cabeça e um sorriso presumido.

— Suas coisas estão no seu quarto e o banho já está preparado.

Sorri.

Homenzinho furtivo! Por isso o amava tanto.

— Obrigada — minha entonação era doce, realmente agradecida com o gesto. Estava tão cansada!

Depois das despedidas, fui enfim tirar a inhaca. Tomei o banho num custo danado. Por duas vezes cochilei dentro do *ofuro*. Saí cambaleando, coloquei meu pijama e nem me lembrava quando apaguei no *futon*.



Acordei sobressaltada.

Olhei para os lados, perdida. Um relâmpago bem próximo clareou o quarto. Fiquei esperando pelo rugido do trovão que quebraria o silêncio da noite.

Não veio.

Fiz uma carranca, intrigada.

Levantei torpe. Olhei no relógio de pulso, havia dormido apenas quatro horas. Era madrugada, ainda.

Sucessivamente as luzes se fizeram presentes, porém, nenhum som.

Enruguei a testa.

Muito estranho...

Fui à janela. Não chovia. A terra e a vegetação estavam secas.

A quantidade de raios era intensa. Continuei observando o inusitado fenômeno, quando percebi, abaixo, enormes vultos na entrada habitável do mosteiro.

Me bateu uma sensação de urgência!

Sem pensar corri do quarto, rumo ao local. Pelo caminho, fui encontrando amigos monges que, como eu, deveriam ter sentido que algo estava errado.

Ao passarmos pelo salão principal, estancamos. Sentados ao chão estavam Lobsang, Cedain e um grupo de estranhos. O quarto se encon-

trava iluminado por pouquíssimas velas dispostas ao redor deles, e de longe, quase não dava para vê-los. Apesar disso, era nítida a diferença de altura e massa. Mesmo sentadas, as figuras dos visitantes sobressaíam absurdamente sobre as de meus amigos. Falavam uma língua que eu não compreendia. Me dava certo sentimento inquieto.

Lobsang parecia contrariado, acenava negativamente. Assim como os demais forasteiros, a outra pessoa com quem ele estava conversando usava um capuz. Era uma mulher, notei pelo timbre de voz. Ela o reba-tia veementemente.

Um raio poderoso se infiltrou pelas janelas, ao mesmo tempo que notaram, ou resolveram se dar conta de nossas presenças.

Os olhos da mulher eram duas tochas ambarinas.

Nossos olhares se prenderam por alguns instantes, até Lobsang, em tibetano, ordenar que os outros que estavam comigo saíssem do salão, me deixando com eles.

Com o transe quebrado, esquadrinhei meticulosamente os demais visitantes, mas os capuzes e a pouca luminosidade impediam qualquer melhor identificação.

Com um ar derrotado, Lobsang acenou com a mão.

— Venha, Tara.

Caminhei cuidadosamente, todos os meus ensinamentos defensivos, em alerta. Me sentei, curiosa.

— Quem são, Lobsang? — quis saber de imediato, enfim tendo uma visão melhor dos forasteiros.

Realmente intimidantes.

O que queriam?

A mulher disse algo em uma voz de comando, para em seguida todos descobrirem as cabeças.

Novamente me peguei olhando fixamente para olhos amarelos, ainda mais nítidos.

Traços fortes, marcantes.

A mulher era inegavelmente atraente.

E “diferente”, assim como eu.

Cabelos longos, lisos e turquesa. A pele morena, como as das indianas.

Olhei para os outros. Porém em distintas tonalidades, as mesmas características estrangeiras.

Foi quando entendi.

— Sou um deles... — indiquei mais a mim mesma, em um sussurro atônito.

Meu mundo, mais uma vez, virando um amontoado de incógnitas.

## II. O Portal

**D**esde pequena, quando queria um tempo só meu subia no telhado do mosteiro, onde deitava e ficava imaginando formas e enredos através do céu. A vastidão azul ornada de gigantescos tufo de algodão maleável era ótima tela para minhas fantasias entusiasmadas.

Procurei meu refúgio. Não sabia por quanto tempo estive olhando para o céu límpido. As poucas nuvens que me faziam companhia iam vagorosamente mudando de formato. Não havia resquícios da madrugada tempestuosa. Tempestade sem trovão e chuva. Raios que não eram do tipo que as pessoas estavam acostumadas. Fiquei sabendo depois ser uma reação à abertura do portal.

Portal...

Virei um pouco o corpo e olhei, abaixo. Dois dos “estranhos” me vigiavam. Disseram que era pela minha segurança.

Nunca havia precisado de guarda-costas, por que a palhaçada? Achava que, na verdade, em maior parte, a “precaução” se devia ao receio de eu tentar fugir.

A conversa na madrugada foi confusa, tensa.

Depois de minha inusitada descoberta, quis saber de tudo. Quem eu realmente era, por que estava ali, e não com eles. De onde éramos.

Para a minha surpresa, a líder integrável cuspiu em um tibetano carregado, mas compreensível, que, um: vínhamos de outro planeta, que ela ainda não poderia dizer o nome. Dois: fui enviada para a Terra por questões de segurança. E três: estava na hora de partir.

Digamos que eu não tenha ficado nadinha feliz com as “respostas”.

Porém, todo o meu drama não adiantou. A mulher nem piscou. Apenas disse — imperturbável — que pelo meu próprio bem, não poderia revelar mais nada no momento. Que eu precisava ir com eles. Era o esperado, o meu dever.

Pelo menos, não tinha me dado uma varinha ou espada mágica e dito: salve o mundo!

Que raios de dever era esse?

Não adiantou novamente esbravejar, ir para cima, a mulher tinha um autocontrole incrível!

Passei o restante da madrugada tramando maneiras de conseguir uma reação dela. Nem que fosse uma balançadinha...

— Tara?! — gritou Cedain, me tirando de minha altercação e birra mental.

Sentei e o olhei, abaixo, com cara de “anh?”.

Ele estava com uma rara expressão fechada. Mesmo em momentos críticos, sempre se manteve plácido. Desde nossa inesperada visita, porém, estávamos todos com os nervos fora do normal.

— Venha almoçar. Está quase na hora de ir...

É... Eu ia partir.

Mesmo sem adicionarem nada à baboseira misteriosa da “poderosa”, sempre confiei nos tios. Quando Lobsang e Cedain enfim cederam às demandas da visitante mandona e disseram que eu fosse com eles, apesar de todas as perguntas que tinha, aceitei sem retruques.

Devia quem eu era a eles e Nana.

Afinal, foram os monges quem me acolheram, seja lá de onde eu tivesse vindo. Sempre pensaram no meu bem-estar, em minha evolução. Tanto, que quando o momento chegou me enviaram à Nana (assim como o falecido marido, grande amiga do mosteiro e pessoal de Lobsang e Cedain), para que eu conhecesse mais do mundo e aprimorasse minha educação.

Nunca me faltou nada.

Embora simples, Nana vinha de uma família abastada. Sabia que ela cuidava da manutenção do mosteiro.

Algo me dizia que tudo esteve mais interligado do que imaginei... Pelo menos, uma coisa se encaixava naquela história: o meu pressentimento com relação à Nana...

Triste que algo que se confirmava fosse tão doloroso.

— Tara...?! — Cedain chamou novamente.

Bufei.

— Estou indo!

Fiquei de pé e estirei os braços. Quando virei para o outro lado e olhei abaixo... Ela estava... Rindo?

Hater — como iria chamá-la, pois me negava a pronunciar Haterës com medo de enrolar a língua — brincava de ensinar a lutar com bastão aos pequenos aprendizes, que pareciam ridiculamente menores perto dela.

Era impressionante como ficava ainda mais atraente sem sua carranca patenteada. A voz, que antes, mesmo quando séria era bonita, descontrada se mostrava sedutoramente encantadora.

Não tinha ideia de onde vinham minhas analogias incomuns. E apesar de saber que a mulher seria um saco de aturar, não poderia deixar de admirar algo tão instigante.

Nossos olhos se encontraram.

O seu sorriso sumiu, sua feição ficou em branco. Mas os olhos... Eles ainda faiscavam... Com algo que eu não conseguia decifrar.

— Tara?! — Cedain insistiu pela terceira vez, ainda mais inquieto.

— Já vou, já vou! — virei, e, num salto, caí ao seu lado.

Cedain se assuntou com o aparecimento repentino.

Ri gostoso.

— Última tentativa de acabar com meu coração? — pôs a mão sobre o peito, de maneira teatral.

— Nah! Poxa, Cedain, pensei que já teria se acostumado!

— O que, de você não fazer barulho como se fosse um gato, e ser rápida como o vento?

Bufei e rodei os olhos ante seu exagero elogioso.

Lobsang nos aguardava na entrada da parte habitável. Estava com uma fisionomia sombria. Dei um beijo rápido em sua bochecha esquerda, e o abracei por traz, o encobrindo com minha altura.

— Desfaz essa cara... — disse ao seu ouvido, para que somente ele ouvisse.

— Ainda é cedo...

— A hora é quando ela chega. Não tem como fugir. Você sempre me ensinou isso...

Senti Lobsang suspirar, como se o corpo tivesse liberado uma grande carga de tensão. Ele precisava saber que eu entendia. Que não o culpava.

— Venham, vocês dois. Nossos “amigos” estão começando a ficar impacientes — Cedain comentou com um meneio discreto em direção à Hater e seus companheiros, que nos estudavam de longe.

Dei um bufo.

— Vamos, mas só porque estou faminta! — declarei impertinente, os arrastando para dentro.



Para não haver maior comoção com olhares curiosos e perguntas dos demais monges, e eu ter um tempo íntimo a mais com Lobsang e Cedain, resolvemos almoçar somente nós três com nossas “visitas”.

Em determinado ponto da refeição, eis a minha chance:

— Para ETs pomposos, até que vocês comem bem, não? — cutuquei ante a voracidade ao engolirem a comida.

Hater, pelo visto, a única a me entender, pausou por um segundo, para então voltar à sua tigela de arroz com legumes.

Não desisti:

— Isso não faz mal a vocês?

Enfim me olhou.

Deu um sorriso cínico.

— Enviariamos você a um lugar onde seu organismo não se adequasse ao alimento? Se fosse para matá-la, para quê se dar ao trabalho de escondê-la aqui? — indagou como se eu fosse lerda. Algo que, diante de minha pergunta sem noção, era exatamente o que parecia.

Foi a maior frase que ela dirigiu a mim, mesmo que fosse para me tachar de idiota.

Questionei, mais uma vez, desde que nos encontramos:

— Como você sabe a nossa língua?

Hater me olhou, e, novamente, entregou o sorrisinho, que eu já estava começando a detestar.

— Essa, como já deveria saber, é outra das respostas que ainda não posso dar.

— Por quê?

Estava sendo chatinha, mesmo.

Hater nem se deu ao trabalho de responder.

Quando ia perturbar mais uma vez, fui cortada por Cedain:

— Já chega, não é mesmo? — não conseguia conter sua diversão.

Passei o restante da refeição emburrada.



Depois de almoçarmos, e os fominhas detonarem uma porção considerável de frutas, fui ao meu quarto. Passei alguns minutos olhando, intrigada, ao que tinham me dado. Uma espécie de mochila de acampamento, com roupas e o que parecia ser material básico de higiene. Embora a tal viagem fosse rápida, seria bom se precaver a algum imprevisto.

A “poderosa Hater” havia sido bem clara:

— Use isso — jogou a bolsa para eu pagar.

Hiper delicada, ela!

— Trouxemos para você. Não se pode criar suspeitas de seu antigo paradeiro...

— Por questões de segurança — somei em tom e face azedos.

As roupas e acessórios, todos em tons grafite e preto, eram no mesmo estilo dos que usavam. Calças grossas e botas de cano alto, aparentemente confortáveis, próprias para longas caminhadas. Um par de munhequeiras em algo como couro, um cinto simples e largo com um cantil e alguns bolsinhos. A blusa de baixo parecia um tipo de flanela, e a que ia por cima, do mesmo material resistente das calças. Também ganhei um casacão de pele de alguma coisa. E tinha um capuz!

Nessa hora sorri.

Depois de vestida (até que gostei das roupas), coloquei na mochila algumas peças íntimas esportivas (para meu alívio, convenientemente não me deram) e quatro pares de meias. Por último, guardei coisas de cunho sentimental, a maioria, fotos.

Antes de deixar o modesto quarto, esquadrinhei cada canto, rememorei diversas lembranças. Muito provavelmente, seria a minha última vez ali. Senti uma tristeza conformada. Desde que havia deixado Cambridge, parecia que, mesmo ainda sem entender, estive me preparando.



Estava me despedindo dos tios e de meus amigos. Goba chorava abertamente.

— Cuide-se, grandão. Nada de se meter em encrenca, tá? — disse a ele enquanto me afastava do abraço que estivemos compartilhando.

— Acho que somos nós quem devemos dizer isso, não? — brincou Cedain, me apertando em seus braços. — Treine, sempre. Nunca desista. Não abaixe a guarda, em nada! — deu o último conselho ao meu ouvido.

Assim como ele, também achava que precisaria, e muito, de tudo que aprendi. O que, na realidade, fazia mais sentido a cada instante. Enfim entendia o quanto fui manipulada. Nana, os tios, tudo. Minha vida, tão sem respostas para mim, todo esse tempo foi minuciosamente arquitetada.

Lobsang esperava por mim. Como que lendo meus pensamentos, havia remorso em seus olhos.

Suspirei.

Mais uma vez acreditaria em meus sentimentos. Que, embora feridos, ainda confiavam nos tios, em Nana. Apesar de tudo, eles deveriam ter tido razões muito boas para terem feito parte de todo aquele estratagem. Sendo uma “armação” ou não, sabia que o amor era verdadeiro.

Sorri para ele.

O perdão foi entregue.

O vi relaxar ligeiramente.

Estávamos entendidos.

Cheguei até meu mestre, meu grande mentor — de todos os meus “pais”, o que mais me conhecia —, e nos abraçamos demoradamente, em silêncio. Ao nos separarmos, Lobsang levantou a mão direita (abaixei para que me alcançasse), e carinhosamente afastou alguns fios de mogno que atrapalhavam a sua visão completa de meus olhos.

— Durante o restante de minha existência, não haverá um dia em que não pensarei e orarei por você. Seja persistente e grande, Tara Tehänsien!



Enquanto andava com minha estranha escolta até o ponto de congruência do tal portal, fiquei remoendo as últimas palavras de Lobsang, o significado que deu ao entoar meu nome.

Em várias ocasiões, havia perguntado sobre sua origem, mas ele sempre dizia que meu sobrenome era uma herança de minha família. Quando retrucava em como sabia sobre isso, Lobsang vinha com seu tom profético: — foi uma revelação, um presente. E somava: — nem sempre temos as respostas que queremos. Viva. Siga adiante.

Fácil para ele dizer...

Tentei, anos a fio, arrancar a verdade. Mas não saía daquilo. Em Cambridge, uma das primeiras coisas que fiz, foi procurar na internet. Sem sucesso. Era como se eu não existisse... Algo que só solidificou algumas desconfianças.

Desisti.

Na realidade, passei a ter medo. Um medo angustiante de encontrar minha ascendência.

Enfim se confirmava a razão.

Mas tudo mudou.

Queria as respostas. Já havia perdido demais.

— Chegamos — Hater disse de repente, cortando o silêncio, me assustando.

Eu vi! Juro que vi um sorrisinho passar rapidamente pelo rosto moreno e incrustável!

— Por que não podemos fazer isso em outro lugar? — perguntei pela milésima vez, só para aborrecê-la.

Hater nem deu atenção. Afinal, já havia me dito que os portais eram diferentes de materialização (ainda existia isso!). Só poderiam ser abertos em locais específicos.

Olhei em volta. Estávamos no centro de uma caverna úmida, dentro da montanha, próxima ao mosteiro. Cresci por essas bandas, e NUNCA havia desconfiado que tal local existisse. Vai ver que tinha uma macumba, magia, sei lá o quê, protegendo.

Hater pegou algo de um dos pequenos bolsos de seu cinto e apertou entre a mão grande e cheia de calos.

Uma das mulheres, Karamântize, ou Kara, como encurtei, me deu um pequeno sorriso e indicou com a cabeça para que eu me aproximasse.

Sorri em resposta e acenei em agradecimento.

Embora não nos entendermos em palavras, ela era bem gentil em seus gestos. E muito bonita, também. Sua voz, mesmo eu não compreendendo lufas do que falava, era suave.

Sim, gostei da tal de Kara.

Interessante...

Hater comandou algo em sua língua, me tirando de meus devaneios. Todos se puseram em círculo.

Os imitei.

Abriu a mão, e o objeto ovular, que mais se parecia uma joia, começou a brilhar, e num instante, senti como se meu corpo tivesse sido virado do avesso. Só me lembrava de segundos depois estar de joelhos, vomitando, com Kara ao meu lado, pondo uma mão na minha nuca e dizendo palavras que, mesmo sem compreender, me soavam reconfortantes.

Minutos adiante, enfim eu já estava mais recomposta, mas ainda com um zumbido chato nos ouvidos. Kara carinhosamente me ajudou a ficar de pé. Pude analisar o ambiente.

Terrível.

— O que aconteceu por aqui? — estava assombrada, minha voz falhando, carregada de aflição.

— Extermínio... — Hater entregou num tom com algo que, até então, não havia sentido nela.

Tristeza.

Trecho de **Despertar**, *Livro 1* da trilogia **Dois Mundos, Mesmo Destino**, de **Danieli Hautequest**.

Saiba mais sobre a história, assim como formatos de publicação e meios de compra, no **Hotsite**:

[www.danielihautequest.com/doismundos/](http://www.danielihautequest.com/doismundos/)